

## A Inteligência Artificial como Ferramenta e Tema

MUGNOL, Juliana.  
SOUZA, Gabriela Vitória.  
VARGAS, Jayme.  
MUXFELDT, Ana Maria.

### RESUMO

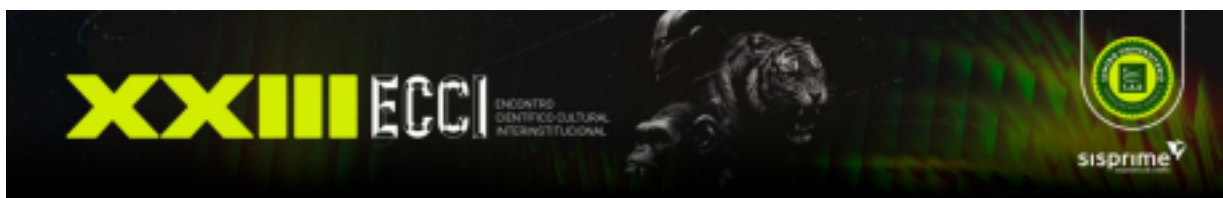
Este artigo tem como objetivo analisar o uso da Inteligência Artificial (IA) no contexto do Programa Jovem Aprendiz, especialmente quando utilizada por estagiários de psicologia em atividades com jovens. Considera-se a IA tanto como ferramenta de apoio quanto como tema de reflexão para o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes. A pesquisa se baseia em revisão bibliográfica e em experiências de campo relatadas por estagiários. Entre os pontos positivos identificados estão o estímulo ao pensamento crítico, ao autoconhecimento e ao uso ético da tecnologia. Entre os pontos negativos, destacam-se a dependência digital, a desinformação, a perda de habilidades relacionais e o enfraquecimento do raciocínio lógico, uma vez que muitos jovens têm utilizado a IA como substituta do próprio pensamento. Conclui-se que, quando bem conduzido, o uso da IA pode estimular os jovens aprendizes a terem uma visão mais consciente, reflexiva e proativa frente às exigências do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência Artificial, Jovens Aprendizes, Psicologia, Estágio, Desenvolvimento.

### 1. INTRODUÇÃO

O Programa Jovem Aprendiz constitui uma política pública de inclusão socioprofissional, pautada na premissa de garantir o desenvolvimento integral de adolescentes e jovens, conciliando formação educacional e experiência laboral em ambientes protegidos e supervisionados. No âmbito dessa proposta, a atuação de estagiários de psicologia emerge como um recurso valioso, pois viabiliza intervenções que promovem o fortalecimento da identidade, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a construção de projetos de vida com significado.

Com a ascensão da Inteligência Artificial (IA) e sua inserção crescente no cotidiano, novos desafios e possibilidades se colocam diante de educadores, psicólogos e instituições formadoras. Ferramentas baseadas em IA, como assistentes virtuais, algoritmos de recomendação, chatbots e plataformas de escrita assistida, passaram a integrar a rotina dos jovens, inclusive dentro de espaços educativos e de socialização



profissional. Tal cenário exige uma abordagem crítica e pedagógica que vá além do domínio técnico, compreendendo os impactos subjetivos e sociais da tecnologia.

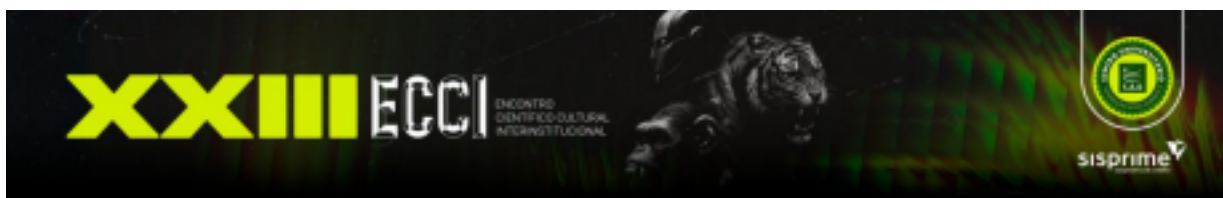
Este artigo se propõe a investigar o uso da IA no contexto das atividades conduzidas por estagiários de psicologia com jovens aprendizes, observando tanto os benefícios quanto os riscos que esse uso acarreta. A hipótese central é de que, se bem mediada, a IA pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da consciência ética dos jovens. Por outro lado, sua adoção acrítica e excessiva tende a fragilizar competências humanas fundamentais, como o pensamento reflexivo, a empatia e a capacidade de tomada de decisão autônoma. Desse modo, mais do que uma ferramenta, a IA torna-se um tema transversal que deve ser abordado como objeto de reflexão, diálogo e transformação.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A Inteligência Artificial é descrita como a habilidade de sistemas de computador em fazer tarefas que, normalmente, necessitam de inteligência humana, como entendimento da fala, tomada de decisões e aprendizado próprio (RUSSELL e NORVIG, 2020). No ambiente educacional, a IA pode agir como ferramenta interativa que incentiva a criatividade, solução de problemas e independência (MORAN, 2018)

Com relação ao desenvolvimento de jovens, é fundamental considerar os aspectos emocionais e sociais envolvidos no contato com tecnologias complexas. Segundo Vygotsky (2000), o aprendizado ocorre nas interações sociais e culturais, sendo o papel do mediador essencial para que o sujeito construa sentidos. Assim, o estagiário de psicologia pode atuar como facilitador para que o jovem compreenda e use criticamente a IA.

Ainda, autores como Carr (2011) alertam para o impacto das tecnologias digitais no funcionamento cerebral, indicando que o uso constante de recursos automatizados pode comprometer a capacidade de concentração e raciocínio lógico. Turkle (2017) também enfatiza que a mediação tecnológica excessiva pode empobrecer as interações humanas,



promovendo relações superficiais.

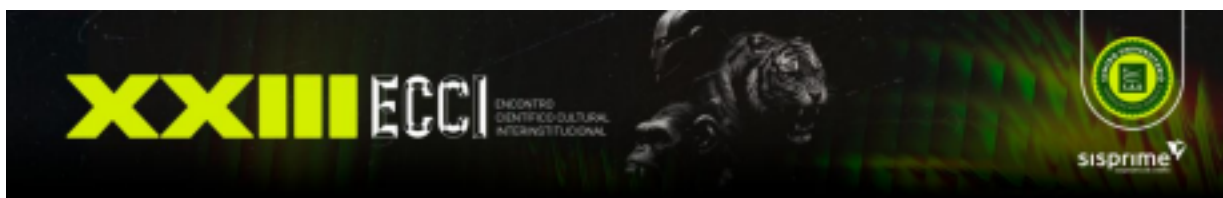
Além disso, pesquisas recentes têm apontado que a exposição contínua a sistemas baseados em Inteligência Artificial pode gerar alterações significativas nos padrões de processamento cognitivo, especialmente entre jovens em fase de desenvolvimento. A facilidade com que informações são acessadas, por meio de assistentes virtuais, mecanismos de autocompletar e sistemas de recomendação, pode levar à diminuição do esforço intelectual necessário para buscar, analisar e sintetizar conteúdos. Isso tende a comprometer habilidades fundamentais, como o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de resolver problemas de forma autônoma (KAPLAN e HAENLEIN, 2019).

Outro aspecto importante refere-se ao impacto nas habilidades socioemocionais. Conforme notado por Turkle (2017), a maior escolha por contato através de tecnologia, como chats que respondem sozinho ou redes sociais, tem diminuído as chances de desenvolvimento de habilidades relacionais mais profundas, como empatia escuta com atenção e controle das emoções. Essas habilidades são chave para formas vínculos interpessoais saudáveis e para fazer o trabalho de um cidadão no lugar de trabalho ou na sociedade.

Por isso, reforça-se a necessidade de um olhar atento dos profissionais que atuam com jovens, especialmente estagiários de Psicologia, no sentido de promover práticas que estimulem não apenas a apropriação crítica das tecnologias, mas também o fortalecimento das habilidades humanas que não podem ser substituídas por máquinas, como a sensibilidade, a ética e a responsabilidade social.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste estudo combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo de caráter qualitativo, com base em observação participante. A revisão de literatura envolveu a análise de obras e artigos que abordam a Inteligência Artificial na educação, seus impactos no desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos jovens, e o papel mediador dos profissionais da psicologia.



A etapa empírica foi realizada entre os meses de janeiro e abril de 2025, junto a instituições formadoras da região Oeste do Paraná que atuam com o Programa Jovem Aprendiz. Participaram das atividades estagiários do curso de Psicologia que desenvolveram oficinas temáticas com grupos de adolescentes e jovens, utilizando recursos mediados por IA, tais como: simuladores de entrevistas, ferramentas de escrita assistida, aplicativos de autoconhecimento e plataformas interativas de tomada de decisão.

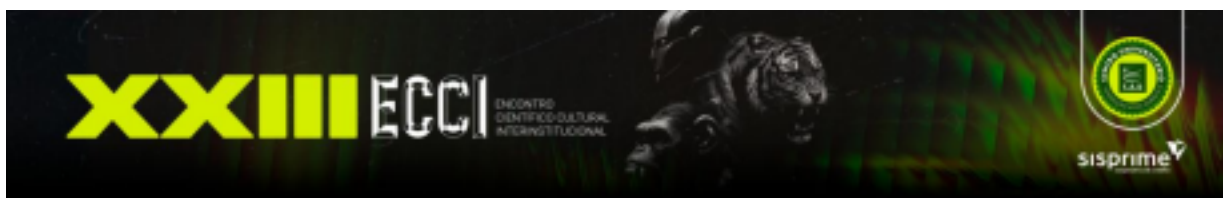
As oficinas foram planejadas com base em eixos temáticos como ética digital, projeto de vida, pensamento crítico e relações interpessoais. As atividades foram registradas em relatórios semanais mantidos pelos estagiários, contendo relatos descritivos, interpretações subjetivas e reflexões sobre a atuação e os efeitos observados nos jovens. O material coletado foi submetido à análise de conteúdo, buscando-se identificar padrões, sentidos emergentes e categorias analíticas que dialogassem com o referencial teórico adotado.

#### **4. ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Durante as oficinas, observou-se que a IA despertou grande interesse entre os jovens, funcionando como ponte para discussões sobre futuro profissional, tomada de decisão e responsabilidade digital.

Entre os pontos positivos, é possível perceber que o uso da inteligência artificial pode despertar a curiosidade e incentivar a busca por conhecimento, além de contribuir para o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre as informações que circulam e as fontes de onde elas vêm. Outro aspecto interessante é a forma como essa tecnologia pode aproximar diferentes gerações, promovendo diálogos ricos e mediados por novas ferramentas.

Por outro lado, alguns desafios também chamam atenção. Há um risco de que as pessoas se tornem excessivamente dependentes das respostas prontas, o que pode enfraquecer a autonomia no pensar e no resolver problemas. Soma-se a isso a



dificuldade, cada vez mais comum, em separar o que é verdadeiro do que é falso, o que pode comprometer a construção de um conhecimento mais sólido. Além disso, há a preocupação com o enfraquecimento da escuta e do contato humano, elementos fundamentais nas relações, que podem ser deixados de lado diante da frieza das interações mediadas por aparelhos.

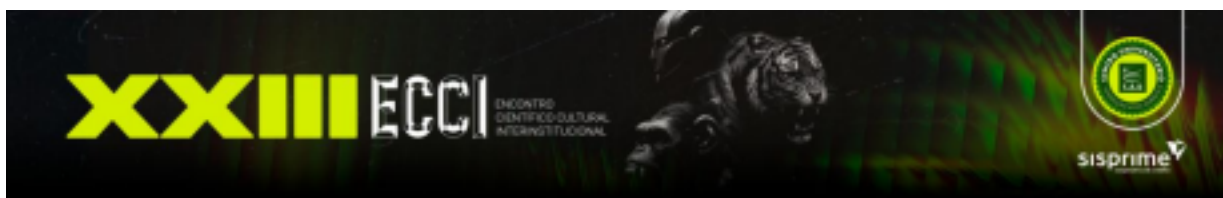
Esses resultados dialogam com os achados de Lévy (2011), que defende a necessidade de desenvolver uma inteligência coletiva mediada pela ética e pela crítica, e não apenas pelo acúmulo de informações. Nesse sentido, o papel do estagiário é importante para promover espaços de escuta e encorajar que jovens pensem sobre uso da IA em suas vidas.

Além disso, o estagiário tem um papel muito importante ao ajudar os jovens a desenvolverem habilidades sociais e emocionais, que são essenciais para lidar bem com a tecnologia. Isso quer dizer que, além de ensinar sobre a IA, é preciso criar momentos para que eles aprendam a se comunicar melhor, a ouvir com atenção e a lidar com suas emoções, coisas que muitas vezes acabam sendo prejudicadas quando se usa muita tecnologia (GOLEMAN, 2012). Estar disponível para ouvir e acolher as dúvidas e preocupações dos jovens sobre o uso da IA é uma parte fundamental desse trabalho.

Outro ponto importante é incentivar os jovens a pensar por conta própria e não aceitar tudo o que a IA oferece de forma automática. Os estagiários podem propor atividades que façam os jovens questionarem até que ponto a IA pode ajudar, mas também quais são os seus limites, estimulando que eles analisem melhor as informações e busquem soluções pessoais para os problemas do dia a dia.

O estagiário também precisa orientar os jovens sobre o uso responsável da IA, mostrando como é importante pensar nas consequências. Falar sobre assuntos como segurança dos dados, privacidade e como a IA pode mudar o mundo do trabalho ajuda os jovens a estarem mais preparados e conscientes.

Dessa forma, o papel do estagiário vai além de apenas informar sobre a IA: ele ajuda os jovens a refletirem, a se posicionarem de forma crítica e, ao mesmo tempo, a



valorizarem as relações humanas, que são fundamentais mesmo num mundo cada vez mais cheio de tecnologia.

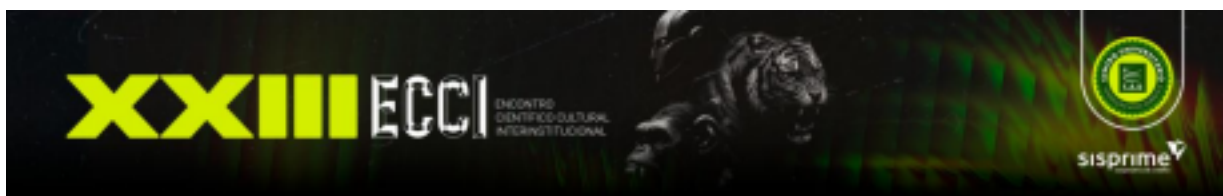
## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da Inteligência Artificial no cotidiano dos jovens aprendizes, atualmente se tornou um fenômeno, e por isso, deve ser tratada não apenas como uma ferramenta qualquer, mas como algo que influencia a nossa forma de pensar, sentir e se relacionar com o mundo. Nas oficinas conduzidas por estagiários de psicologia, o uso da IA tem sido um grande aliado, facilitando as atividades, estimulando a criação de dinâmicas mais criativas e despertando o interesse dos jovens. Além disso, abre espaço para discussões importantes sobre responsabilidade, tecnologia e o impacto dessas inovações na vida de cada um.

Ao longo da pesquisa, observou-se que a IA pode ampliar horizontes, estimular a curiosidade e favorecer a expressão de subjetividades, quando utilizada com mediação crítica e sensível. Por outro lado, os riscos de dependência, alienação intelectual e enfraquecimento das relações humanas também se mostraram presentes, exigindo estratégias pedagógicas que valorizem o diálogo, a escuta ativa e a ética relacional.

Dessa forma, conclui-se que o papel do estagiário de psicologia vai além da mera instrumentalização do jovem para o mundo do trabalho. Ele atua como mediador de sentidos, facilitador de processos de autoconhecimento e promotor de um uso consciente e responsável das tecnologias. É essencial que o uso da IA seja contextualizado, debatido e problematizado, para que os jovens desenvolvam não apenas competências técnicas, mas sobretudo uma postura cidadã, empática e crítica frente aos desafios do século XXI.

Promover essa reflexão no âmbito do Programa Jovem Aprendiz contribui para a formação de sujeitos mais preparados para lidar com as complexidades do mundo contemporâneo, sem abrir mão da humanidade que os constitui. A educação tecnológica, portanto, não deve excluir o vínculo humano, mas sim reforçá-lo, preparando jovens não apenas para o trabalho, mas para a vida em sua plenitude.



## REFERÊNCIAS

CARR, N. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2011.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2018.

PRENSKY, M. **Ensinando nativos digitais: parceria entre educadores e tecnologia**. Porto Alegre: Penso, 2010.

RUSSELL, S.; NORVIG, P. **Inteligência artificial**. São Paulo: Pearson, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.